



Linhares, os estudantes tiveram problemas para prestar atenção às aulas on-line. Além disso, muitas começaram a apresentar níveis extremos de ansiedade durante o isolamento social. “Algumas crianças começaram a arrancar os cílios, as sobrancelhas, uma parte do cabelo. Quando ela começa a projetar no corpo o que está sentindo emocionalmente, é um sinal de que a ansiedade está alta.”

Ao se verem sobrecarregados e com dificuldades para amenizar os efeitos da pandemia no aprendizado e desenvolvimento dos filhos, muitos pais optaram pelas aulas presenciais quando houve a autorização do governo para a liberação das escolas. Mas, diante das novas regras e medidas de segurança, as crianças sentiram no emocional os impactos das mudanças. “As crianças voltaram para a escola achando que o ambiente escolar ia ser o mesmo que elas deixaram em março de 2020. Só que, como o distanciamento social tinha que ser realizado e alguns ambientes de convivência foram fechados, as crianças ficaram extremamente frustradas, pois estavam voltando para a escola, porém, não mais era o lugar que elas conheciam”, conta Rayanne.

Ações lúdicas

Com a finalidade de driblar os obstáculos à saúde emocional das crianças e garantir um retorno

A psicóloga infantil Ana Rita Neves, professora doutora de psicologia do Centro Universitário lesb, aponta que as crianças podem apresentar dificuldades de se socializarem devido ao longo período de privação do ambiente escolar. “Depois da família, a escola é o segundo contexto de socialização da criança. São nesses espaços que ela aprende regras de convivência, empatia, respeito, dentre outras habilidades tão importantes para o seu pleno desenvolvimento. Aqueles que não haviam realizado um processo de socialização adequado por conta da pandemia vão precisar realizá-lo em uma idade posterior a que normalmente ocorre.”

Ela assinala que muitas crianças voltarão com retrocessos no desenvolvimento e, por isso, é importante que pais e professores tenham paciência para que cada um se desenvolva no próprio tempo. “Não podemos tomar essas dificuldades como imaturidade da criança, mas como uma falta de oportunidade para o desenvolvimento dessa socialização. Os pais e professores são agentes importantes neste processo de readaptação social, ao fornecerem modelos comportamentais para relações sociais e mediar as relações estabelecidas entre as crianças, sinalizando aquilo que é adequado ou não, além de incentivarem uma maior autonomia social dos pequenos, favorecendo, assim, novas relações”, alerta a especialista.

Impactos na saúde emocional

A impossibilidade de frequentar a escola e praticar atividades de lazer fora do perímetro de casa, somada à perda de familiares e ao distanciamento de entes queridos, comprometeu o bem-estar social e psicológico de crianças e adolescentes. Não é à toa que muitos desenvolveram a síndrome da cabana, definida pela psicóloga Ana Rita. “É um padrão de comportamento no qual o indivíduo, após ter ficado um longo período em confinamento, apresenta respostas de medo e ansiedade ao se expor novamente à vida cotidiana, por receio de entrar em contato com uma situação aversiva, se contaminar e adoecer”.

Segundo ela, o modo como a família discute a pandemia dentro de casa afeta diretamente o comportamento dos pequenos no retorno às aulas presenciais. “No caso de pais que têm mais receio em sair por estarem mais expostos ao vírus, a dificuldade da criança em sair de casa ou uma maior ansiedade pode ser favorecida, pois, no entendimento da criança, estar fora do lar acarreta riscos”, exemplifica.

Na experiência da psicóloga escolar Rayanne

seguro às aulas, Rayanne, junto à equipe da escola onde atua, procurou trabalhar o emocional delas de forma lúdica. “A gente criou uma história dialógica de como preparar a criança para o retorno presencial e ensinamos para os pais como contar essa história. Preparamos algumas perguntas para a criança ir interagindo e solucionando as questões com os pais. Por meio das repostas direcionadas dos pais, as crianças aprendiam como deveriam se comportar na escola”, explica a psicóloga.

A medida que os estudantes voltavam a ocupar as carteiras, Rayanne percebeu que eles estavam precisando conversar, e por isso, ela começou a executar ações para acolher e cuidar das emoções. “Proporcionamos esse momento de fala, de escuta e, em paralelo, brincadeiras direcionadas. A gente pensou em proporcionar momentos de brincadeiras que não exigem muito toque, como bambolê e amarelinha, também para eles conseguirem descarregar essa energia, pois, como muitos moravam em apartamento, não praticavam atividades físicas. A gente usou nossa principal arma, que é o lúdico”.

Ao perceber a dificuldade da filha Letícia Evangelista, 6, de ficar “presa” dentro de casa, longe dos colegas e da rotina escolar, a mãe, Soraia Barbosa, 45, teve a ideia de imprimir diariamente atividades didáticas para ocupar o tempo dela. Porém, mesmo entretida e já podendo rever amigos e professores por meio de uma tela, Letícia continuava sentindo falta da escola. “Percebi minha filha bastante agitada, ansiosa, chorosa e entristecida. Ela pedia, diariamente, para voltar presencialmente às aulas”, descreve a servidora pública.

Além dos problemas emocionais, Soraia notou consequências negativas no aprendizado da filha. “Algumas vezes, ela tinha dificuldade de prestar atenção e compreender o conteúdo que estava sendo ministrado. O isolamento social, sem dúvida nenhuma, trouxe para Letícia algumas perdas no processo de alfabetização, além de impactos significativos na socialização”, constata.

Quando Soraia precisou voltar ao trabalho presencial, ela se viu sem opção, a não ser deixar a filha na escola. A escolha acabou sendo positiva para o desenvolvimento de Letícia. “Ela não apresentou dificuldades para se acostumar com o novo ambiente escolar. O processo de ressocialização dela foi maravilhoso, tanto com a turma quanto com a professora. Ela estava sentindo tanta falta da escola que não tivemos problemas, se esforçava para seguir os protocolos necessários para continuar indo e se dedicava muito aos estudos.”

*Estagiária sob a supervisão de Sibebe Negromonte